



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 31 DE JANEIRO DE 1960.

NO QUARTO ANIVERSÁRIO DO GOVERNO, PERANTE O MINISTÉRIO REUNIDO NO PALÁCIO DO CATETE.

Há quatro anos, na data de hoje e nesta mesma hora — a sétima da manhã — reuni o Ministério e os meus auxiliares mais próximos, para começar o trabalho. Ao inaugurar o meu Governo, era meu desejo que a administração se caracterizasse pelo seu aspecto matinal. Acordar cedo, não perder tempo, não deixar sem emprêgo útil as horas mais preciosas do dia, quando ainda estão intactas as nossas forças, era o meu conselho e o meu propósito. Como pretendia utilizar, ao máximo, o tempo que me fôra fixado pela Constituição, aquela convocação matutina do Gabinete marcava claramente uma orientação quanto à produtividade nas tarefas que se iam empreender. Eis porque, entre os requisitos necessários aos que integram a equipe governamental, figura a disposição para começar cedo a jornada. Malgrado o rifão, a bênção divina costuma descer sobre as cabeças dos que amanhecem nas lides. A verdade é que Deus ajuda a quem madruga, porque madrugar no trabalho é um ato de fé, uma espécie de oração, um gesto de confiança no destino. Só mesmo tendo madrugado e só mesmo mercê de Deus é que logramos dar ao país impulso tal, que as horas — sementes dedicadas ao Brasil — frutificaram em resultados posi-

62

tivos, cuja excelência será reconhecida um dia pela experiência direta das novas gerações, às quais dedicamos êstes anos de Governo, para que venham a ter uma tranqüila colheita de prosperidade e segurança.

63 Abriu-se um debate novo sôbre se é lícito, ou não, impor sacrifícios a uma geração em benefício das seguintes. Até aqui, longe de contestar-se, proclamava-se, com insistência de lugar comum, a tese altruista que impõe, aos homens conscientes do dever, o zêlo por aquêles que os terão de suceder no tempo. Bastou, porém, que o Governo se abalançasse a enfrentar problemas de maior envergadura e, não contente com paliativos, cuidasse de aprofundar-se em solucioná-los, para que, ruidosamente, surgisse e crescesse o partido dos que consideram ser um país fruto do acaso, ou de impulsos ocasionais. Eu sabia o que desejava: seguir uma política ambiciosa, um caminho que me parecia indispensável e salvador. Não vacilei. Agi com pleno conhecimento, sabedor da responsabilidade que assumia e do bem fundado da causa. Apressei o desenvolvimento do Brasil, alterando certo ritmo, certa cadência costumeira da nossa marcha. Quebrou o meu Governo uma espécie de placidez, direi mesmo, de sonolência, em que nos embalávamos. Não dissimulei, desde o primeiro dia de candidato, as minhas intenções. Logo se tornou popular, servindo até de pretexto a críticas malévolas, a fórmula “cinquenta anos em cinco”, com que busquei, apenas empossado, sintetizar a aceleração deliberada queurgia imprimir ao desenvolvimento nacional. “Cinquenta anos em cinco” exprimia bem a ambição do meu Governo. Não sei de promessa, em nossa história, que despertasse maior reação, ou reunisse

tão grande número de contraditores. Não me parece, contudo, que tenhamos desmerecido, da expectativa que criamos.

Pela última vez, hoje, comemoramos no Rio de Janeiro um aniversário da nossa administração. Não tardaremos em instalar-nos na nova Capital. E quem poderá contestar que o Brasil experimentou radical transformação? Quem negará que obras fundamentais foram levadas a cabo, obras que exigiriam cinquenta anos de tempo de administrações menos resolvidas a transpor a barreira da estagnação? Cada ato arrojado, importante para a aceleração de nosso passo, custou decerto um esforço bem maior que o requerido, em circunstâncias rotineiras, pelos aspectos executivos e técnicos de cada problema, se encarados com visão imediatista. Consideramos errôneo julgar que as grandes árvores protetoras, não as necessitamos plantar, porque demoram a crescer e só darão frutos para as gerações vindouras, que não alcançaremos. 64

Ter-me-ia sido possível governar o país de maneira menos ambiciosa do que o fiz; bem me haveria em fruir o poder político, sem expor-me a riscos, sem ofender a inércia, nem contrariar interesses criados, poupando assim muitos choques. Mas, desde o primeiro dia de trabalho, falei-vos linguagem que traduzia uma determinação. Bom ou mau, certo ou errado, o Govêrno que, juntos, realizamos, obedeceu a um plano e representou uma opção. Nestes anos de labor intenso, coube-me viver alguns instantes cruciais, em que me foi necessário meditar longamente sôbre as responsabilidades por assumir. 65

66 Posso dizer, sem hipérbole, que a decisão relativa a Brasília constituiu para mim um esforço bem mais considerável do que tôda a solicitude em acompanhar a parte executiva dessa obra, em verdade imensa e que temos de atribuir, não só à proteção de Deus, que não nos faltou, como à capacidade de trabalho de nossa gente, à dedicação inexcedível dos chefes e dos operários. Naquela ocasião, medi os prós e os contras, avalei as dificuldades de tôda a ordem: as materiais, com todo o cortejo de repercussões econômicas e problemas técnicos; mas, sobretudo, o significado da resolução e a gravidade decisiva do ato. O imperativo constitucional fôra repetidamente ignorado e seria fácil permitir que continuasse letra morta. Mas a criação de Brasília, a interiorização do Govêrno, êsse ato dramático e irretratável de ocupação efetiva do nosso vazio territorial, essa demonstração inequívoca de fé na capacidade realizadora dos brasileiros, êsse triunfo do espírito pioneiro, essa prova de confiança na grandeza dêste país, essa rutura completa com a rotina e o conformismo, eu a sentia em íntima e perfeita correspondência com a aspiração máxima do povo brasileiro: a revolução do desenvolvimento nacional. Brasília foi o primeiro ato dessa revolução, fecundo em consequências, a meta número um, a meta-síntese de um Brasil renovado.

67 Brasília significa, não apenas a mudança de sede de um Govêrno, mas de todo o rumo de uma grande nação. Sei como são fortes as resistências e os antagonismos, porque sei até onde essa mudança tem um aspecto revolucionário, porque estou bastante lúcido quanto à série de transtornos e de modificações que ela vai ocasionar. Não fugirá a ninguém o aspecto

heróico da empresa, nem os sacrifícios requeridos; mas o dia de amanhã explicará melhor do que qualquer discurso — que Brasília obedeceu a uma imperiosa necessidade. Mais dia, menos dia, seria necessário colocar o Brasil no seu centro, conquistar essa parte importante do seu território, integrar o país em si mesmo.

Eu me dou por feliz pelo privilégio de construir Brasília, de realizar essa aspiração, que pareceu inatingível a muitas gerações de brasileiros, em tempo récorde, mostrando ao mundo que somos capazes de fazer o que queremos, e fazer como melhor não o fariam outros povos, que marcham na vanguarda da técnica e da civilização. 68

As metas dêste Governo não foram provas esportivas que nos impusemos vencer para a conquista de troféus, mas atos necessários, indispensáveis à correção de muitos esquecimentos e de muito de irrealismo que, por vêzes, tem caracterizado a conduta dos brasileiros em relação ao nosso próprio país. Não poderia continuar o Brasil a sua marcha, sem estradas para comunicações, sem aumentar o potencial de energia, sem livrar-se da paralisia, sem desobstruir os caminhos que teremos de percorrer em nosso avanço. Não pratiquei um só ato que pudesse ser adiado ou desdenhado. Ataquei de frente os problemas que se nos defrontaram; não criamos tais problemas, nem os desejamos. Se mérito houve, no meu Governo, êste foi o de não ter fugido a uma imposição das circunstâncias; o de não ter vacilado ante uma tarefa ingente. Só Deus sabe o que a simples aceitação de uma responsabilidade de tal vulto repre- 69

senta como ato de fé e que êsse ato de fé comporta sacrifícios e sofrimentos.

70 Muitos homens de hoje julgam que assumi encargo acima das forças do Brasil, tendo por isso errado. É possível que, no futuro, venham alguns acusar de tímido o meu Governo. Estou, porém, convencido de que não somos, nem ousados, nem tímidos. Não me escapa a circunstância de que — por maiores os esforços despendidos e os trabalhos desta hora — ainda muito há por fazer e realizar. O país necessita da multiplicação de tôdas as energias que aplicamos nesta hora.

71 Deixemos aos que não acreditam no país julgar que somos excessivos nos trabalhos e nas obras. A premissa de meu Governo é a fé no Brasil.

72 Na Mensagem que em breve enviarei ao Congresso Nacional, prestarei mais pormenorizadas contas acêrca das atividades do meu Governo, nos diferentes setores da minha administração no ano findo. À frente do Executivo, prossegurei, com a mesma firmeza e com redobrado entusiasmo, na tarefa que me propus. Tenho a consciência de haver-me empregado inteiramente na realização da minha plataforma. Pela primeira vez em nossa história, foi elaborado e pôsto em execução um grande plano de desenvolvimento econômico, em escala verdadeiramente nacional e com objetivo de largo alcance para a futura expansão de nosso país em todos os ramos da produção. As metas do programa de realizações básicas do meu Governo orientaram a ação do poder central, segundo critérios cuidadosamente estabelecidos, tendentes a promover um crescimento har-

mônico das diversas regiões. O caminho foi traçado com segurança. Conseguimos percorrê-lo, até agora, como previsto e, não raro, em ritmo mais acelerado do que esperávamos. Ao término do meu mandato, graças ao conjunto de obras de infra-estrutura, contempladas no programa de metas e efetivamente incorporadas ao patrimônio econômico da Nação, o Brasil será um país com todos os requisitos para completar o seu extraordinário surto industrial, nas bases mais modernas. Em primeiro lugar, ter-se-á registrado um aumento substancial da utilização dos nossos recursos energéticos.

As atividades da PETROBRAS, quer no tocante à perfuração de poços, quer no que diz respeito à refinação e ao transporte de óleo e derivados, apresentam índices expressivos da capacidade técnica e da tenacidade dos brasileiros. 73

A meta de produção, fixada pelo meu Governo em 40.000 barris por dia para 1960, foi ultrapassada muito antes do prazo. Hoje a produção, que era, em média, de 6.800 barris em 1955, se acha no nível de 75.000 diários. Duas novas unidades da Refinaria Landulpho Alves já se encontram operando em caráter experimental, para elevar a capacidade daquela usina de refinação, ora de 10 mil barris, para 32.000 barris por dia ainda este ano e 42.000 no início de 1961. 74

Com a conclusão das obras em curso — ampliação das refinarias e construção da Refinaria Duque de Caxias, junto à qual prosseguem os trabalhos de implantação da Fábrica de borracha sintética — chega 75

remos em 1961 à auto-suficiência em derivados de petróleo. Estão, por outro lado, em fase conclusiva os estudos para a construção da Refinaria de Minas Gerais e do oleoduto Rio—Juiz de Fora—Belo Horizonte, obras em que se empenha o meu Governo para satisfazer a um justo anseio do povo de Minas Gerais. Merece registro, também, o aumento da capacidade de transporte da nossa frota de petroleiros. Dos 7 superpetroleiros encomendados no meu Governo, 4 já arvoram a Bandeira Nacional no serviço do abastecimento do país e outros 3 serão recebidos ainda este ano. Em 1955, a capacidade da Frota Nacional de Petroleiros era de 224.000 toneladas. Já atingimos 370.000 toneladas e chegaremos, ainda em 1960, a 510.000 com as encomendas já feitas. Intensificamos as atividades de pesquisas petrolíferas, não só aumentando as equipes de técnicos para os estudos de superfície, como elevando o número de sondas. Hoje, 62 equipamentos perfuram o país de Norte a Sul, num esforço heróico à procura de novas áreas produtoras. As reservas provadas de petróleo, que eram de 255 milhões de barris em 1955, registram agora 510 milhões. A produção acumulada, desde a descoberta de petróleo até dezembro de 1955, foi de 6 milhões e 300 mil barris. No período de meu Governo, de 1956 a 1959, a produção acumulada foi de 56 milhões e 600 mil barris. A economia anual de divisas proporcionada pela indústria petrolífera nacional, que era apenas de 32 milhões de dólares em 1955, estará praticamente decuplicada no ano próximo, devendo ultrapassar os trezentos milhões.

76

Devo ressaltar que, até 1955, os programas de pavimentação asfáltica de rodovias e pistas esbarravam

no sério entrave da importação de asfalto a pesar sôbre as nossas disponibilidades de divisas. A partir de 1956, ficamos liberados dêsse ônus com a entrada em pleno funcionamento da fábrica de asfalto da PETROBRÁS. A produção do ano passado, excluída a pequena contribuição da iniciativa privada, foi de 162.814 toneladas, que atenderam a todo o consumo nacional em franca expansão devido ao desenvolvimento dos planos rodoviários.

Hoje podemos dizer que veículos brasileiros, acionados por combustíveis brasileiros, rodando sôbre asfalto brasileiro, cortam, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, o território nacional, levando a todos os recantos não só a consciência da unidade física, moral e espiritual da Pátria, mas também as pulsações de seu progresso. 77

A energia hidrelétrica representou preocupação fundamental do meu Governo. Encontrei 3 milhões de kW instalados e fixei a meta em 5 milhões para 1960. Cumprida essa meta, teremos criado condições para se elevar o potencial a 8 milhões em 1965. Com as obras concluídas, já atingimos o nível de 4 milhões. 78

FURNAS — Sòmente a grande Central Elétrica de Furnas, a maior obra do meu Governo no referente à energia elétrica, dará um acréscimo de 1 milhão e 200 mil kW. Tendo um volume útil de 20 bilhões de metros cúbicos de água, Furnas colocará o alto potencial do rio Grande a serviço da maior concentração industrial do país, o Triângulo Rio—São Paulo—Belo Horizonte. O comprimento e o volume de excavação dos túneis de Furnas excedem o total de todos os túneis do Distrito Federal. 79

Três Marias é outra grande obra do meu Governo. Terá repercussões diretas e imediatas no imenso e 80

fértil Vale do São Francisco, pois não só possibilitará o seu saneamento e a regularização do curso de suas águas, tornando-o navegável em qualquer época do ano, numa extensão de 1.500 quilômetros, como exercerá benéfica influência em vasta área do Polígono das Sêcas, permitindo a irrigação de terras, hoje improdutivas, em centenas de milhares de quilômetros quadrados. Além disso, Três Marias representa um acréscimo de 520.000 kW no potencial energético do país, assim como o aumento de 410.000 kW na Hidrelétrica de Paulo Afonso, onde estão se realizando obras que, inauguradas no primeiro semestre de 1961, elevarão seu potencial dos 180 kW atuais para 310 mil kW. Somente 4 barragens no mundo têm volume de terra superior à de Três Marias. Seu volume de água represada é sete vezes maior que o da Baía de Guanabara.

- 81 A ação governamental não se limitou, porém, àquelas duas grandes obras, pois o Governo Federal concorreu financeiramente para a realização de numerosos empreendimentos de expansão hidrelétrica e termelétrica nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goiás e no Território do Amapá.
- 82 A energia do futuro também não ficou esquecida. O Brasil tem acompanhado de perto, desde o início, os esforços dos demais países no sentido do aproveitamento da energia atômica para fins pacíficos.
- 83 Em São Paulo, montou-se o primeiro reator atômico da América Latina. Fundaram-se vários Centros de Estudos dos problemas de energia nuclear; intensificam-se as pesquisas geológicas para descoberta de minérios uraníferos e projetam-se várias usinas atômicas, já se tendo iniciado a construção da usina de Poços de Caldas. Como precioso subproduto dessa atividade

científica, figuram os isótopos rádio-ativos, de largo emprêgo na medicina.

A grande siderurgia já é uma realidade no Brasil. 84
Em 1955, nossa produção de aço em lingotes era de 1 milhão e 150 mil toneladas. Fixamos a meta, nesse setor, em 2 milhões e 300 mil toneladas para 1960, capacidade que já atingimos, tornando possível sua elevação para 3 milhões e 500 mil em 1965.

Levando adiante as realizações anteriores, meu Go- 85
vêrno promoveu a expansão da Companhia Siderúrgica Nacional, aumentando-lhe a capacidade de produção, que era de 650 mil toneladas de aço em lingotes, para 1 milhão e 100 mil toneladas. Em 1961, deverá alcançar 1 milhão e 250 mil toneladas. Cumpre acentuar que, em 1959, foi superada a capacidade nacional de produção traçada para 1960. A dêste ano será, em consequência, 1,25 vezes maior do que a prevista.

A produção de alumínio, que se situava nos níveis 86
de 2.600 toneladas anuais, já alcançou 16.700; a do cobre concentrado passou para 3.800 toneladas; a do cobre metálico atingiu 1.800 toneladas e a de estanho, antes praticamente inexistente, foi de 3 mil toneladas; em 1959.

Além disso, o Banco Nacional do Desenvolvi- 87
mento Econômico concedeu empréstimos num total de 4 bilhões de cruzeiros para o incremento da indústria siderúrgica. É de notar-se ainda o programa da Companhia Vale do Rio Doce, a qual tem merecido todo o apoio governamental, transformando-se em fonte apreciável de divisas. Espera-se que o Vale do Rio Doce traga para o nosso país 50 milhões de dólares êste ano e 60 milhões em 1961. O valor da sua exportação é, no momento, de 40 milhões anuais.

Em matéria de transporte ferroviário, meu Go- 88
vêrno inverteu, até o ano passado, 8 bilhões e 600 milhões

de cruzeiros no programa de construção do Departamento Nacional de Estradas de Ferro e 29 bilhões e 500 milhões no programa de reequipamento da Rede Ferroviária Federal. Cerca de 51 bilhões de cruzeiros serão aplicados, no período de 1956 a 1960, no reaparelhamento de nossas ferrovias. Algumas cifras dão bem a idéia dos esforços governamentais para resolver êsse importante problema. Já foram adquiridos 7.608 novos carros de passageiros e vagões de carga; 300 locomotivas e 283.400 toneladas de trilhos e equipamentos. Os primeiros resultados da execução desse programa já estão à vista. Nossas ferrovias vêm dando cabal escoamento à produção nacional, não havendo mais mercadorias retidas e perdas nos pontos de embarque, o que significa uma importante vitória nesse setor fundamental para a economia do país.

- 89 As ligações rodoviárias merecem cuidado muito especial. Em 1955, o Brasil não possuía mais de 2.400 quilômetros de estradas pavimentadas e todo o sistema rodoviário do país mal superava os vinte e dois mil quilômetros, sendo mais de dezessete mil de revestimento primário. Propôs-se o Governo construir mais 10 mil quilômetros de novas rodovias, e mais de 3 mil de asfaltação. Ultrapassadas que foram tais metas, caminhamos agora para os novos objetivos de 18 mil quilômetros de construção e 5.800 de pavimentação asfáltica, que serão atingidos ainda êste ano. Quatro grandes rodovias, além de inúmeras menores, serão completadas antes de findar-se o meu Governo: Belém—Brasília—Pôrto Alegre, com 4.550 quilômetros; Fortaleza—Brasília, com 1.826 quilômetros; São Paulo—Curitiba, com 401 quilômetros e Rio—Belo Horizonte—Brasília, com 1.200 quilômetros. Sômente a Belém—Brasília exigiu investimentos da ordem de 2 bilhões, 750 milhões de cruzeiros, sendo que os investimentos da rodovia Brasília—Pôrto Alegre atingirão cifras bem

mais altas, dadas as dificuldades topográficas das regiões atravessadas.

A Transbrasiliana Belém—Brasília—Pôrto Alegre 90
constituirá uma coluna dorsal que correrá do Norte ao Sul do País, da Amazônia aos pagos do Rio Grande, estabelecendo a ligação física do país pelo interior.

O Brasil vai escrever com êsses poderosos elos de 91
intercâmbio econômico, social e espiritual, novos capítulos de sua História, que não será apenas a de uma civilização costeira, mas a da posse e da valorização efetivas de imensas áreas, antes sòmente vislumbradas nas ações pioneiras dos bravos homens que procuraram conquistar o Oeste brasileiro.

As obras-de-arte rodoviárias — pontes e viadutos 92
— que estarão concluídas até ao fim do corrente ano — somarão 38 quilômetros e compreenderão trabalhos do vulto da ponte internacional Brasil—Paraguai, e das pontes sôbre o rio Paraná, em Pôrto 15 de Novembro, com 2.262 metros, sôbre o Jequitinhonha, com 501 metros; e sôbre o Tocantins, com 500 metros.

A ponte internacional Brasil—Paraguai é um mo- 93
numento de beleza e técnica, erguido pela engenharia nacional à amizade entre os dois povos. Mede 550 metros de comprimento, sendo o seu arco de concreto armado, de 300 metros de extensão, o maior do mundo.

A indústria automobilística, praticamente inexistente 94
no início do meu Govêrno, faturou cêrca de 93 bilhões de cruzeiros, em veículos e autopeças, em 1959, soma já bem superior aos 70 bilhões de cruzeiros da produção de café. A contribuição para os cofres públicos, em impostos, foi da ordem de 10 bilhões e 700 milhões de cruzeiros.

Operou-se, nesse setor, verdadeira revolução, pois 95
entrou o Brasil a figurar entre os países produtores,

numa posição que surpreendeu o mundo técnico. Da estaca zero, em 1956, passamos, em 1957, a uma produção de 30.700 veículos. Já no ano passado, logramos produzir 96.243 veículos, o que justifica a previsão de que em 1960 a produção alcançará 135 mil unidades.

96 A indústria automobilística provocou o desenvolvimento das indústrias subsidiárias, que hoje dão trabalho a cerca de 120.000 homens em suas várias especializações, criando nova técnica antes pouco conhecida no país.

97 No período de 1957 a 1959, a indústria automobilística produziu 188.072 veículos, no valor aproximado de 700 milhões de dólares. A liberação de divisas girou em torno de 414 milhões de dólares. É um novo ciclo econômico que se iniciou para o Brasil, desta feita no domínio dos transportes, vital para o seu progresso e soberania.

98 Quanto a armazéns e silos, elevou o meu Governo a capacidade de estocagem, da ordem de 84.650 toneladas em 1955, para 452.650 em 1959, com o que ultrapassamos a meta fixada. Em 1960, com as obras em execução, chegaremos a 600.000 toneladas. No setor dos fertilizantes, a meta de 300.000 toneladas adicionais foi atingida no que se refere à capacidade instalada das fábricas. Tudo indica que entraremos no regime da plena produção em 1960, quando teremos então 400.000 toneladas. Relativamente a tratores para a lavoura, com as medidas adotadas pelo meu Governo, já no biênio 1956-1957, quando importamos 10.000 unidades, a meta de 60.000 foi alcançada. Em dezembro de 1959, já havia 74.000 tratores em atividade. Por outro lado, através do Decreto n.º 47.473, de 22 de dezembro de 1959, demos um passo decisivo no sentido da implantação da indústria nacional de tratores. Esperamos produzir, neste ano, 2.500 unidades e, em 1961, 7.000, com um índice de nacionalização da ordem de 85 %.

Outra meta do meu Governo, virtualmente atingida, diz respeito ao cimento. Programamos passar de uma produção de 2 milhões e 799 mil toneladas em 1955, para 5 milhões em 1960. A capacidade atual das fábricas nacionais já é de 4 milhões e 809 mil toneladas. Igual êxito tiveram os esforços para elevar a capacidade de produção da celulose, da ordem de 90 mil toneladas, para 260 mil. Em 1959, já registrávamos a capacidade de 253 mil toneladas.

Quanto à fabricação de papel, que era de 40 mil toneladas em 1955, fixamos a meta em 130 mil e já atingimos a capacidade de 78 mil toneladas. Na parte referente a material elétrico e à mecânica pesada, a produção brasileira era deficitária. Não fabricávamos turbinas e geradores pesados. Hoje, produzimos geradores de 4.200 kVA., com possibilidade de serem fabricadas, em breve, unidades até de 100 mil kVA, assim como turbinas hidráulicas de 80 mil kVA.

Relativamente a geradores de força já poderemos fabricar unidades até de 100 mil kVA. No que diz respeito a motores, a expansão foi também notável: em 1956, a capacidade era de 760 mil HP. Dois anos depois, essa capacidade havia atingido 1 milhão e 700 mil HP.

A criação do Fundo de Marinha Mercante e a instalação do Grupo Executivo da Indústria de Construção Naval possibilitaram o desenvolvimento industrial do país nesta importante área, com a implantação de 9 estaleiros. Os dois primeiros navios construídos dentro desse programa serão lançados ao mar no corrente ano.

O meu Governo cuidou, com igual interesse, do amparo às atividades agropecuárias. Os financiamentos aos agricultores e criadores elevaram-se de 16 bilhões e 600 milhões de cruzeiros, em 1955, para

41 bilhões e 800 milhões em 1959, correspondendo o aumento a 250 %. Foram, também, substanciais os recursos destinados à produção agrícola e extrativa vegetal para o custeio de entre-safra, assim como os votados ao custeio de entre-safra de produtos alimentares de exportação.

104 Não quero, também, deixar de referir-me a um projeto específico e de longo alcance, cuja realização já se encontra em curso. Nunca se descuidou o meu Governo do problema dramático das sêcas do Nordeste e, além de uma contribuição assistencial que chegou a custar mais de vinte milhões de cruzeiros diários em 1958, a administração federal realizou uma importante obra de açudagem no Polígono das Sêcas. Havia, em 1955, três bilhões de metros cúbicos de açudes; neste comêço de ano, devemos ultrapassar a meta de 8 bilhões de metros cúbicos, sem falar nos 113 quilômetros de canais de irrigação que foram construídos. Ao tomar posse, encontrei no Brasil 7 bilhões de metros cúbicos de água nos açudes e barragens; ao passar o cargo, terei elevado essa cifra para 80 bilhões.

105 Mas êsse esforço, embora considerável, não era suficiente. Cumpria libertar o Nordeste das providências de caráter meramente assistencial, elaborar um plano orgânico e atualizado de recuperação econômica da região e coordenar a atividade dos numerosos órgãos da administração pública que operam na zona das sêcas, muitas vêzes com desvêlo e eficiência, mas de modo dispersivo. Para tal fim, foi criada a CODENO e agora, com a aprovação legislativa de um projeto governamental, instalou-se a Superintendência de Desenvolvimento, encarregada de executar a Operação Nordeste, segundo o planejamento cuidadoso de soluções de conjunto para os problemas daquela região. Estão, assim, lançadas as bases para que se venha corrigir, em prazo razoável, o desnível econômico-social

entre o Nordeste e o Centro-Sul do país. Essa situação, injusta e perigosa, tendia a agravar-se, tanto mais que a participação do Nordeste no produto bruto da economia brasileira, que era em 1939, antes da última guerra, de 30 %, hoje se situa na ordem de 11 %.

A SUDENE pretende ser um órgão de natureza renovadora com o duplo objetivo de dar ao Governo um instrumento que o capacite a formular uma política de desenvolvimento para o Nordeste e, ao mesmo tempo o habilite a modificar a estrutura administrativa em função dos novos objetivos. 106

Definidos êsses objetivos, deixará de haver multiplicidade de políticas do Nordeste, uma do DNOCS — o Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas — e outra da Comissão do Vale do São Francisco; uma do DNER e outra do DNEF; finalmente, tantas políticas quantos são os órgãos do Governo Federal que operam na região, todos crescendo vegetativamente, repetindo coisas que fizeram no passado, bem ou mal, na medida que puderam, e quase todos com enormes dificuldades principalmente porque não podem ver o problema no seu todo. 107

Não quero aqui esquecer a colaboração — não apenas espiritual e inspirada por Deus, mas também concreta, traduzida por atos, incitamentos e experiências práticas — do bravo e dedicado episcopado do Nordeste. Nunca me deixaram, êsses vigilantes pastores, de lembrar o problema nordestino e a necessidade da salvação de tantas preciosas vidas de brasileiros, tão dignos quão castigados por uma sorte madrasta. 108

A Reunião dos Bispos, tendo à frente, como Secretário, a incansável e apostolar figura de Dom Helder Câmara, tem sido um dos mais vigorosos instrumentos para o combate ao subdesenvolvimento do Nordeste. 109

Eis aí o que fizemos no plano material. Mas nunca nos descuidamos de trabalhar pelo estabelecimento de um clima de harmonia e liberdade que favorecesse a obra de recuperação democrática das instituições brasileiras. Ao avizinhar-se à campanha eleitoral, posso afirmar que o problema sucessório está colocado em termos dignos de um país livre, em plena maturidade política. Para avaliarmos o enorme caminho percorrido, bastará fazer uma pausa e voltar os olhos para a situação do Brasil até ao dia em que tomei posse. Os que exigem o absoluto dos esforços alheios e reclamam resultados perfeitos poderão apontar nugas ou deficiências — mas o fato é que estamos numa terra de liberdade, cada vez menos ameaçada por qualquer solução de violência. A fúria depredatória e anti-democrática — que se revelou até mesmo em alguns dos que pareciam ter dedicado suas vidas à defesa dos ideais da democracia — tornou-se, nos dias atuais, posição inconseqüente e insólita. O bom-senso popular corrige os impulsos dos remanescentes de uma era já ultrapassada de pronunciamentos, e os corrige da maneira mais exemplar, ministrando-lhes a punição da indiferença.

Sabe a opinião pública que o sistema democrático não funciona com toda a perfeição desejável, mas sabe também que melhor regime até aqui não se ideou e que o aperfeiçoamento das instituições livres é uma consequência da continuidade ininterrupta da vida democrática. Não há evolução democrática sem duração do exercício dos direitos e dos deveres políticos segundo os princípios constitucionais. O esclarecimento popular sobre a escolha dos dirigentes da Nação e dos representantes do povo é oriundo de um crescente amadurecimento, que só se verifica pela prática do voto. Foram dolorosas as circunstâncias da batalha eleitoral que me fez Presidente da República. Não desejo, para nenhum dos candidatos de hoje, as vi-

cissitudes por que passei. Não as quero relembrar, senão para têrmos noção exata do avanço alcançado na meta de consolidação democrática de nosso país. Já não há golpes, nem pronunciamentos destoantes, que ponham em risco o regime; e quando ocorre um levante, fruto de presunçosa irreflexão, carece êle de qualquer envergadura e, encontrando ambiente tão pouco acolhedor, contribui para afastar esperanças mal colocadas e fortificar idéias mais construtivas.

Sei que êste ano é o da completação da meta política e, por isso mesmo, o momento é o mais delicado de todos. Vamos proceder a eleições, e só desejo repetir aqui o que tenho insistentemente afirmado: as eleições, presidenciais ou outras, são atos normais da democracia; assim devem ser tratadas e nada justifica que o regime estremeça tôdas as vêzes que se avizinha um pleito, como se o ato da escolha de elementos do Govêrno ou do corpo legislativo não fizesse parte do jôgo das livres instituições, cuja conquista representou grata vitória do nosso povo. Tenho a convicção de que, desta vez, não se registrará a menor perturbação da ordem — em qualquer sentido — e que os escolhidos pelo eleitorado brasileiro se empossarão sem que se discuta o pronunciamento das urnas e da justiça. Porei todo o meu empenho nisso e quero ter sido eu o último candidato à Presidência da República obrigado a vencer resistências antidemocráticas e a enfrentar ameaças de um inconformismo político bem mais atentatórias aos nossos foros de país civilizado do que à minha pessoa. Agradecido ficarei a Deus por ter podido governar sem o emprêgo de medidas de exceção e por ter sabido conservar-me sereno e isento. Espero manter-me assim sempre, resguardando a minha autoridade sem permitir excessos. Não creio estar a meu alcance maneira melhor de defender a democracia do que a de oferecer eu próprio um exemplo de respeito às leis e ao regime, fazendo, porém, assegurar a ordem

112

sempre que quiserem atentar contra a paz e a tranquilidade da família brasileira.

113

Ao examinarmos os atos de meu Governo, em seus aspectos mais importantes, não seria possível omitir referência especial à dinamização das atividades da nossa política externa. O movimento que se denominou “Operação Pan-Americana” ganhou vulto e, nestes últimos tempos, vem abrindo perspectivas extremamente favoráveis. Há dois anos, em consonância com os países irmãos do continente, indicávamos que se tornava urgente transformar num plano de ação concreta a geral aspiração de levantarmos o nível de vida dos povos dêste Hemisfério. Desde então, temos lutado por essa “Operação Pan-Americana”, encontrando as resistências naturais que se costumam opor a qualquer violência à rotina, mas enfrentando-as com a paciência e, mesmo, a obstinação que nos ditava a consciência de estarmos no bom caminho. A “Operação Pan-Americana” — que visa a integrar os países do continente num esforço decisivo para solver os problemas essenciais do nosso tempo — é, no momento em que vos falo, uma iniciativa triunfante, que mereceu o apoio das 21 Repúblicas e que vai prosseguir no terreno das medidas práticas de combate ao subdesenvolvimento. Devo proclamar aqui que a “Operação Pan-Americana” muito ficará a dever ao Presidente da República do México. Dêle acabo de receber sugestões valiosíssimas no sentido da adoção de providências concretas para a realização de nosso objetivo comum. O Presidente López Mateos trocará idéias sobre o assunto com outros Chefes de Estado. No que toca ao Brasil, tenho a satisfação de enunciar que as idéias do Presidente mexicano, por sua disposição construtiva e perfeita objetividade, receberam de minha parte total adesão. Espero que o mesmo aconteça com os demais países, cuja opinião acatamos como decisiva para o bom êxito desse grande movimento, generosamente concebido e

que necessita de ter, firmemente delineados, não só os seus objetivos gerais, como também a ordem de prioridade no tratamento dos diversos assuntos.

De conformidade com a nossa posição tradicional e com o espírito do novo pan-americanismo, temos intensificado, por todos os modos, as nossas relações com os países dêste Hemisfério. As visitas que nos fazem Chanceleres e Chefes de Estado, como a do Presidente do México e, dentro em breve, a do Presidente da Colômbia, concorrem proveitosamente para entendimentos diretos e acertos de posições em benefício mútuo e da causa continental. Não pouparemos esforços no sentido de contribuir para que se forme na América Latina um clima de confiança e harmonia, propício a uma efetiva cooperação, cuja importância e extrema urgência ninguém mais contesta. Por outro lado, entre os Estados Unidos e o Brasil, as nossas relações de amizade retomaram um caráter de cordialidade correspondente ao desejo comum de cada vez mais íntima colaboração. Esperamos que êsse desejo se converta em realidade e que as nossas futuras relações venham a ultrapassar de muito os quadros presentes. Todo o país aguarda com alegria a viagem do Presidente Eisenhower, que certamente virá dar novo impulso à solidariedade interamericana e à amizade entre o Brasil e os Estados Unidos. Confio, outrossim, em que nos seja possível lançar novas bases para o incremento de nossas relações comerciais, mediante a remoção de certos obstáculos ainda existentes entre o exportador brasileiro e o consumidor norte-americano. No que toca ao problema cafeeiro, os Estados Unidos adotaram uma política liberal desde os tempos do Presidente Jackson. Mas há, de certo, muito ainda por fazer em outros setores. De qualquer modo, tenho a impressão de que nossos objetivos estão sendo compreendidos e ninguém ignora que desejamos apenas encarar o aspecto construtivo das coisas.

No quadro geral da nossa política externa, temos procurado ampliar as nossas relações comerciais com quase todos os países do mundo, num esforço para encontrar novas formas de cooperação econômica e novos mercados para os nossos produtos. Estamos estudando as possibilidades de maiores contactos com os países da Europa ocidental, cujas economias se mostram cada vez mais vigorosas e dinâmicas. Concluimos satisfatoriamente arranjos de comércio com a União Soviética, e estamos dispostos a negociar nesse campo com outros importadores potenciais de produtos brasileiros. Em tudo agiremos de acordo com a nossa conhecida posição no mundo e no interesse supremo da paz e da prosperidade dos povos.

Encerrando esta exposição, quero reafirmar quanto disse no discurso pronunciado no último dia do ano passado. Sem prejuízo do desenvolvimento, sem paralisar a nação, tendo sempre em vista que nos cumpre enfrentar um aumento populacional imenso — vamos nos empregar na obra de recuperação monetária, no combate ao supérfluo, na luta contra a desordem, em todos os sentidos e planos. Não recuarei diante de esforço algum para completar a tarefa de integração nacional e facilitar o trabalho dos brasileiros, permitindo assim que este país possa acolher os novos contingentes humanos que virão aumentar e enriquecer a sua demografia. Tenho a convicção inalterável de que, neste grande país, o caminho da salvação, da tranquilidade, da segurança, da independência desta e das futuras gerações só pode ser o do contínuo enriquecimento nacional. Ninguém me demoverá da certeza de que devemos empregar constantemente novos cabedais de energia humana e de competência na construção de nosso país. Não vejo um Brasil atrofiado, anêmico, ameaçado por uma fôlha seca que caía, ou por uma corrente de ar. Se é crime ambicionar a grandeza de seu país, não escondo este meu crime. Já enfrentei horas

mais adversas que a presente. De modo crescente, meu Governo vai sendo amparado pela compreensão do país. Sinto que muitos já estão vendo o novo Brasil, que surge e se afirma. Já falei, porém, demais, e ainda nos espera todo um ano de luta e de trabalho. Num país em construção como este, não há outra alternativa senão retornarmos todos os momentos, e até quando Deus o permitir, às tarefas incessantes que surgem tôdas as horas. Fôrça é que amemos o nosso destino, que tenhamos paciência com as enganadoras vozes da descrença e que não ambicionemos outra recompensa senão a da consciência de não nos têmos poupado no empenho de propiciarmos o encontro do Brasil com a sua vocação para a grandeza.